











t

70% ee 35-

# O TABACO DA BAHIA

DE QUE MODO SE HA DE MELHORAR

ASSIM O CULTIVO DA PLANTA,

COMO ESPECIALMENTE

A CURA DA FOLHA PARA CHARUTOS;

A fim de poderem estes rivalizar com os havanos.

Sr. F. A. de W K

Ministro do Brasil em Venezuela, Equador, &

---

CARACAS

IMPRENSA A VAPOR

POR ELIODORO LOPEZ

1863

**“ Si les sucreries.... continuent dans l'étonnante progression qu'elles ont suivie....; si le café de Java et du Brésil augmente en proportion du sucre...., ces deux denrées céderont un jour la première place au tabac.... qui.... a l'avantage.... de ne pas craindre la ruine que pourrait amener l'émancipation.”**

D'HARPONVILLE.

A'

**INCLITA PROVINCIA DA BAHIA,**

Em testemunho de reconhecimento a muitos de seus illustres filhos, pelos uteis informes  
e obsequiosa hospitalidade com que em 1861 brindaram

(9) autor.



#### § 1.º Importancia da industria do tabaco e fim deste escripto.

A industria do tabaco, principalmente no ramo da *cura seca*, propria para os charutos, promete vir a ser uma das mais rendosas dos paizes tropicaes da America, onde a planta, como indig-na, se dá melhor que em nenhum outro. Pois, embora a mesma planta se produza em varios climas, mais temperados e até frios, é immensa a diferença no aroma entre a folha amadurecida ao calor da zona tropical americana e a que procede de paizes em que sasona já em meio dos sóes desbotados do outomño, sob o influxo de climas, onde as flores parte do anno se recolehem em estufas.

Ora como o tabaco, para pobres e ricos, é objecto de luxo, e todos preferem fumar sempre do melhor, nunca poderá haver receio da competencia que lhe possa apresentar a excessiva quantidade produzida no norte da Europa ou dos Estados Unidos. So attendendo-se á grande diferença de preço entre os charutos havanos e os alle-mães e nort'americanos, é que se comprehende bem esta verdade, e se explica como em Cuba, muitos, que começaram de pobres *vegueros*, se vejam hoje opulentos capitalistas.

Assim, se pelo que respeita ao assucar e ao café somos de parecer que convém produzir para o mercado estrangeiro quanto mais possível (\*), opinamos, quanto ao tabaco, que o produzir embora menos mas do melhor, será de mais vantagem para o productor e para o paiz.

A industria do tabaco é de todas as entretropicas, a que requer menos capitaes. O pobre que não tem mais que um rancho por elle feito, de parede de sopapo e coberto de sapé, e uma pouca de terra

(\*) Carta (impressa) escripta ao Exmo. Ministro da Agricultura em 26 de março p. p.

que lhe deram ou asorou, para a sua roça de mandioca, possue já quasi tudo quanto lhe basta para ser cultivador de tabaco e vir a concorrer com um pequeno contingente para o augmento das riquezas de exportação do paiz, e para poder receber, em permuta, algum dinheiro com que compre os artefactos do commercio externo que necessite. Assim, a cultura do tabaco vem a contribuir a establecer-se maior igualdade nas fortunas dos lavradores, e a augmentar no paiz o verdadeiro *povo*, livre e independente, em vez de classes de ricos e pobres, de patricios e plebeos, de escravos e senhores, inseparaveis da industria do assucar.

Viu-se, ha poucos annos, no distrito da Caxocira, na Bahia, o grande milagre de desaparecer inteiramente dahi a pobreza, e de augmentarem-se muito os habitantes, com a propagação do cultivo e a introdução dos processos da cura seca, devida principalmente ao benemerito suíssio Lucas Yessler.

Esses processos podem porém ainda melhorar-se muito. Só ao seu atraço atribuiamos de ha muito, o não rivalisarem os charutos bahianos com os havanos, quando, em si, a nossa planta era melhor, e quando sempre na cura negra, isto é de rôlo ou corda, levára vantagem á de Cuba. Porém a visita que acabamos de fazer ao famoso distrito de *Vuelta de Abajo*, e a comparação dos processos abí mais aperfeiçoados com os que notámos na Bahia em 1861, nos confirmaram em nossas apreensões. O fim pois deste pequeno escripto será revelar esses processos diferentes dos nossos, corrigindo os quacs, esta industria virá a ser ao Brazil muito mais rendosa do que hoje é.

§ 2.º—Escolha e preparação do terreno.

Para o tabaco devem sempre ser preferidas as terras sôltas e porosas, isto é um tanto arentas, mas com alguma lentura e sufficiente abono.

Segundo varias analyses feitas pelo Sr. Pelletier e outros chímicos, as melhores de *Vuelta de Abajo*, depois de secas, mostraram conter mais de metade de silice ou areia fina, sendo da outra quasi metade,  $\frac{1}{2}$  a  $\frac{1}{3}$  de matérias orgânicas, e o resto principalmente alumina e óxidos de ferro, cuja presença (dos ultimos) se nota na cõr geralmente amarellada dessas terras. As que conteem bases calcáreas são as mais ingratas para o tabaco, motivo porque esta planta se não cultiva na parte central da ilha de Cuba, onde tão bem se produz a canna. Nas terras compactas e argilosas, em que as debeis raizes tem dificuldade de penetrar, a planta definhá e as folhas saem excessivamente pequenas. As pantanosas e as salitrosas, ou que recebem demasiada impressão do vapor do mar, tão pouco servem para tabaco, que resultaria com pessimo gosto ou *horro*, como dizem os Havaneros.

Ha terras ligeiras que, depois de cançadas de dar canna, produzem excellente fumo. Em Pernambuco não faltam bellas varzeas

que se acham neste caso, e que mais renda dariam a seus donos se as puzessem de tabaco.

Os melhores estrumes para esta planta são inquestionavelmente os alcalinos e os ammoniacas. Os superiores tabacos são sempre os que mais abundam em potassa, a qual ajuda muito para a perfeita combustão do cigarro ou charuto, e claro está que a planta terá tanta mais potassa quanta mais se contiver na terra que a criar. Preferem-se (principalmente para os alfobres) os estrumes feitos dos próprios talos e desperdiços da planta, porém tambem se empregam com muita vantagem as cinzas de qualquer natureza, os estrumes animaes bem curtidos, e tambem, escaceando uns e outros, o guano do Perú.

Na Bahia são mais usados os penultimos, escolhendo-se para plantar de tabaco os logares que durante algum tempo (não demasiado que seria prejudicial) serviram de *curraes* ou de *malhadas* ao gado: e a tal ponto que ás suas hortas de tabaco denominam já *curraes* ou *malhadas*.

§ .º 3—Alfobres.

Para ter uma boa veiga ou malhada de tabaco é essencial possuir boas plantas ou *mudas*; e por conseguinte um alfobre bem preparado e de semente escolhida. Nesta parte cremos menos bom o sistema da Bahia; onde se encarrega do alfobre quem só tem interesse de vender as mudas, sem querer saber dos bons ou máos resultados da colheita. O alfobre deve ser confiado a um homem experimentado, e de consciencia, que escolha para elle terra mais a proposito; isto é que se possa julgar menos sujeita ás formigas, grilhos e lagartas, e em que tenha feito abortar as sementes das ortigas, abrolhos e outras malezas, que se achavam antes na terra. Certas formigas são da planta tão grandes perseguidoras, que, contra umas chamadas *virijaguas* na Havana, não acharam ahi melhor recurso que fazer preces a S. Marcial e mandar vir de França outras formigas por guerreal-as.

Convém que os alfobres ou canteiros em que se lança a semente, sejam uns mais altos que outros; afim de que, segundo corra o anno, se aproveitem só as plantas daquelles que melhor tenham vingado, desprezando os outros. As sementes devem ser, senão vindas annualmente da Havana, da Virgínia ou do Kentucky, pelo menos de algum distrito situado o mais longe que for possível. Nunca produção do proprio sitio, em que vai semear-se. Como são demasiado miudas, para não cairem mui juntas, costumam lançar-se á terra mixturando-as antes com areia fina, com o que se distribue com mais igualdade. As plantas, em quanto tenras, convém sejam abrigadas dos violentos soes e das fortes pancadas d'agua, o que se consegue por meio de esteiras, &c. Na Bahia, segundo dissemos, o fazer os alfobres é uma especialidade: e os donos delles vendem aos lavradores a duas patacas o cento de *mudas* escolhidas.

§ 4.º—**Plantação e perseguição dos insectos.**

A transplantação ou colocação das mudas deve efectuar-se quando estas tem quasi um palmo : o que na Bahia geralmente tem lugar no mez de Junho, isto é uns cinco mezes antes do tempo ordinario das aguas, para que, ao chegarem estas, esteja salva e arrecadada a colheita.

Na plantaçāo das mudas devem seguir-se, em ponto grande, regras analogas ás que seguem os hortelaos, quando plantam couves ou alfaces. Convém que se prefiram os dias nublados, ou pelo menos só as tardes, quando a terra se sinta humida, mas não enxarcada. Abrem-se regos paralelos, na distancia de quatro a cinco palmos uns dos outros, colocando-se nestes as plantas a dois palmos e meio umas das outras. Falhando de pegar alguma, o que se pode reconhecer já ao terceiro dia, ha que repol-a immediatamente.

Na Bahia cada lavrador costuma fazer a sua plantaçāo toda em um ou dois dias seguidos, convidando para esse fim aos vizinhos, que não deixam de concorrer ; porque o beneficio se paga reciprocamente e porque são atrahidos além disso pela festança, com que se prepara o lavrador a recebel-os, e a que se dá nome de *boi de cora* ; talvez porque, na primitiva, consistia em um boi assado de baixo da terra, como ainda se usa no sul.

Para facilitar o trabalho, conviria ter previamente a terra lavrada em grande com arado, desterroada com a grade, e dividida em taboleiros de vinte braças de lado.

A experiência tem provado que um trabalhador déstro não pode encarregar-se de cuidar mais de doze ou quando muito quinze mil plantas dc tabaco, e que se o anno é de muita lagarta, nem os mesmos doze mil pés poderão ser bem attendidos. Assim cremos que será conveniente começar por proporcionar entre nós, a cada negro trabalhador menos experimentado, só dez a doze mil plantas, o que em um anno regular equivale a recolher mil a mil e duzentas libras de fumo por cabeça.

Plantar mais, do que o que se poderá bem cuidar, é expor-se a botar a perder parte do trabalho, ou a cuidar tudo mal, e mais vale ir experimentando as proprias forças que expor-se a arrependimentos.

E note-se que todo o cuidado e vigilancia do trabalhador serão necessarios, se elle não quizer expor-se a ver malograda a colheita. Convirá repassar o campo quasi todos os dias ; e quando os insectos atacam a planta, cumpre logo perseguil-os sem descango, não só de manhã mui cedo (pois com o sol se escondem), como ás vezes até de noite, com luzes.

O meio julgado mais eficaz é de entretel-as, deitando-lhes, para comerem, folhas de mandioca ou de aroeira, que preferem ás do tabaco.

Contra os grilhos e lagartas tem-se aconselhado, entre outros expedientes, o de fazer entrar nas veigas bandos de perús; mas o meio mais seguro de acabar com tais insectos é o de catal-los bem, apanhando-os e matando-os apenas se vêm apresentando, trabalho para que são mais aptas as crianças. O mesmo se pode dizer acerca de pulgão, que pica a folha.

§ 5.º.—**Sacha da terra, capação e desolha da planta.**

Ao cabo de um mez proximamente depois de plantadas as mudas, ha que dar lhes uma de mão de sacho ou d'enchada, conchegando lhes terra dos camalhões; operação esta que a planta agradecerá muito mais, se for feita ao amanhecer, em quanto o solo conserva o relento da noite.

Quando as plantas tiverem chegado á sua conta de crescimento, e antes que se abram as folhas que envolvem os botões, deverão receber uma nova limpa; depois da qual se procederá á *capação* dos grêlos, a que em Cuba chamam *descogollar*, e os nossos dizem *capar*; o que consiste não só em tirar á planta os botões, como em deixar-lhe só as folhas que ella poderá vigorosamente nutrir, tirando-lhe as demais. Deve ser feita tal operação por trabalhadores mui exercitados, e della depende em grande parte a futura bondade do fumo. Em geral se deixam umas doze folhas, sem contar as inuteis debaixo; mas á planta que parecer débil, convirá não deixar mais de dez ou de oito, e a que se mostre vigorosa poderá ficar com 16 ou 18.

Uns dez dias depois de capada a planta, tem crescido junto de cada folha uns olhinhos que convém então tirar-lhe, para que não chupem á mesma folha a substancia. Esta operação se chama entre nós *desolhar*, e deve fazer-se com cuidado, afim de que se não quebrem as folhas, o que faria sofrer bastante o valor final do producto, sendo que os lotes de folhas inteiras se vendem por mais alto preço.

§ 6.º.—**Apanha da folha.**

Quatro meses proximamente depois que as mudas se plantaram, vêm as folhas do tabaco (começando pelas de cima) aparecendo com suas manchas azuladas e amarellentas, pondo-se quebradiços e negros por dentro os peciolos que as seguram ao talo. E' o signal de que a folha está sasonada e que se deve começar a apanhar. Mas regra geral: se entretanto chove, não se deve efectuar a colheita senão depois de tres dias de sol; pois a chuva fará reverdecer de novo as folhas e desaparecer as manchas.

Por isso que as folhas superiores, em que actúa melhor o sol, maduram e sazonam primeiro, preferem os cultivadores mais entendidos começar por ellas a colheita, cortando primeiro a cada planta só a coroa ou penca superior, contendo de tres a cinco folhas. Passados tres dias descubertos, em que tem as folhas do meio sazonado me-

Ihor com o sol, se procede ao corte da penca do meio ; seguindo, dahi a outros tres dias de sol, a ultima dabaixo ; deixando-se porém no talo as folhas inferiores, que estão sujas de terra e que ajudarão á nova rebentação da chamada segunda e terceira folha. Para efectuar o corte por pences (*mancuernas* chamam a estas em Cuba) deve fazer-se uso de uma pequena faca, pesada, bem afiada e boleada, afim de que, com o golpe, não se abale a planta, nem se firam as folhas com a ponta. Uma velha navalha de barba servirá excellente mente.

Taes cortes devem efectuar-se só durante as horas de sol, entre as 10 da manhã e as 3 da tarde. As pences cortadas se vão pondo viradas para baixo, de modo que o sol dê no reverso das folhas, por algumas horas, até ficarem murchas.

Obtido este resultado, se vão apanhando as mesmas pences, juntando-as pouco a pouco no braço esquerdo, onde se irão successivamente levando a umas varas compridas, que se poderão ter perto, descansando em seus extremos sobre duas forquilhas fincadas no chão. Cada vez que duas dessas varas estejam de um a outro extremo cheias de pences, que se terão suspendido a cavallo sobre elles, devem ambas ser levadas aos hombros de dois homens (uma de cada lado) ; pois que deixando-as por muito tempo ao sol poderiam ressecar-se demasiado.

§ 7.º—Arrecadagão e séca da folha.

A casa onde devem recolher-se as ditas varas com o tabaco destinado a receber a *cura seca*, isto é a cura propria para os charutos, deve estar situada em local de boa temperatura e de facil ventilação quando esta se requeira ; e cumpre que sejam bem cubertas e com paredes, e com portas susceptiveis de fechar-se, quando vento forte, ou quando das chuvas possa resultar demasiada humidade. Por nenhum caso se accenderá fogo dentro, em quanto ahí haja tabaco.

Nessa casa se disporão as varas, apoiadas em suas extremidades, sobre os giráos ou andaimes inferiores que nella haverá ; pondo-se cuidado em que as folhas de umas varas não toquem nas da immedia ta, e mesmo que as pences na mesma vara não fijem demasiado apertadas, principalmente se as folhas forem das maiores, ou se o tempo for humido. Só no dia seguinte se poderão unir mais as varas umas ás outras, do que resultará uma leve fermentação de dois ou tres dias, ao cabo dos quacs a folha apresentará uniformemente uma cor amarellenta. Então se separarão outra vcz as varas, e se deixarão assim ventilar-se e secar-se convenientemente o tabaco ; depois do que se ingararão as mesmas varas (preferindo-se fazer esta operação pela manhã) para os andaimes junto ao tecto da casa, afim de se deixar em os inferiores para as varas que vem vindo de novo carregadas.

O tabaco incado aos andaimes superiores não deve deixar de inspeccionar-se de quando em quando; e se se lhe advertir alguma humidade, haverá que ventilar-o, e fazel-o enxugar, para que ahí não fermente antes de tempo.

Acabada a colheita, e suspendido no alto durante dias, e bem enxuto o ultimo tabaco apanhado, ha que tratar de dar a todo elle a verdadeira fermentação, a qual se efectua em tulhas ou pilhas.

§ 8.<sup>o</sup>—Fermentação em tulhas.

Para empilhar o tabaco, haverá que baixal-o dos andaimes altos, em que está, com todo o cuidado; esperando para isso que tenham passado alguns dias humidos, ou tendo deixado, durante uma ou duas noites, abertas as portas da casa; isto afim de que as folhas, adquirindo lentura suficiente, fiquem menos quebradiças, para lidar com ellas, e estejam mais dispostas á fermentação, que vae seguir-se.

Cumpre submeter em pilhas separadas, a essa fermentação, as penas dos côrtes da *primeira folha*, bem como as que se houverem guardado da *capacão* e da *desolha*, e finalmente as resultantes da 2<sup>a</sup> ou 3<sup>a</sup> folha, quer dizer das rebentações do restolho; poist tendo cada qual sucos de grãos diferentes, melhor se poderá dirigir a cada uma a força de que necessite.

As pilhas podem dispor-se dentro de grandes caixas de madeira; porém basta que se façam entre simples taboas, devendo o fundo e paredes lateraes estar forradas de folhas de bananeira, bem secas. Efectua-se a pilha tomando em pequenos molhos as pencas, e indo-as collocando, umas sobre as outros, em camadas, com os talos em cada uma destas voltados para o mesmo lado, seguindo-se a camada superior immediata para o lado opposto e assim por diante. Endireitar-se-hão as folhas que se tenham dobrado, e dispor-se-hão as pencas de modo que as folhas fiquem roçando umas sobre outras, e não nos talos.

Terminada a pilha ou tulha que poderá conter até trinta arrobas de tabaco, se cubrirá com folhas de bananeira, e com uma leve tampa de madeira, de modo que lhe não entre ar, durante a fermentação que logo começa.

Convém que esta fermentação se vá fazendo mui lentamente, e se o tabaco não entrou na tulha com humidade em excesso, e o tempo correr bom, durara umas quatro semanas. Entretanto occasões haverá que a folha tenha entrado em boa conta de fermentação aos vinte ou mesmo aos quinze dias. O exame attento da tulha, de quando em quando, e depois a experiençia, informarão ao lavrador o verdadeiro termo mais conveniente para o seu tabaco. Estará este na conta, quando tiver tomado por igual uma côn castanha, inclusivamente nos talos e véas, quando deixe de parecer pegajoso e tenha adquirido certa suavidade ao tacto; e finalmente quando tenha per-

dido sensivelmente o amargor que antes tinha, e se possa já da folha fumar um charuto aprazivelmente.

§ 9.<sup>o</sup>—Despenca e enfardo.

Assim fermentado o tabaco, ha que proceder á *despenca*, ou separação das folhas dos seus talos, operação que no livro de Antonil se chama *espinicar*; e que convém seja feita com cuidado para se não partirem as folhas, que se irão desde logo escolhendo, separando as inteiras das partidas e as menores das maiores, colocando-as com os peciolos para o mesmo lado, &c.

Neste estado, já os lavradores podem enviar o seu tabaco em rama ao mercado. Para isso de 25 folhas iguaes fazem uma gavela, que se ata com um pedago de folha. De quatro gavelas consta o *manojo*; e oitenta manojos constituem um fardo. Estes na Havana costumam pesar de 75 a 125 libras. Na Bahia pesam de ordinario tres arrobas ou 96 libras, e se enviam embrulhados em sapé. Cumpre porém advirto: que o tabaco ficará melhor de abi a alguns meses, e que o que durante esse tempo perca no pezo, ganhará naqualidade.

§ 10.—Betum.

E porém de notar que na Havana a cura do tabaco não se dá por concluida com a fermentação da tulha. Exigem-lhe outra pequena fermentação, que consideram tão essencial á bondade do seu fumo, como o é ao pão a competente levadura; e asseguram que, antes della, não só o tabaco não tem adquirido todo o aroma de que é susceptivel, como se picaria facilmente com o bizourinho ou *bixo do fumo*. O certo é que por meio desta operação, bem graduada, costumam os entendedores, depois de provar o tabaco, fortalecer o que lhes saiu fraco, ou suavisar o que encontram com demasiada força.

Para promover esta terceira fermentação, alias quasi imperceptivel, e que supomos ser desconhecida na Bahia, é essencial lançar mão do recurso de *betumar* ou *embetumar* a folha, isto é de humedecel-a artificialmente, estendendo successivamente as folhas, e borrifando-as mui de leve com uma agua, a que dão o nome de *betum*.

Se o tabaco for forte e bastante aromatico, creem alguns que a simples agua fria pura será para elle o melhor *betum* (\*). Convirá porém que essa agua haja sido antes fervida, afim de morrerem os insectos microscopicos que sempre contêm, e que poderiam vir a picar a folha. O mais geral é empregar, applicado a frio, um cosimento forte e mui aromatico dos desperdigos da folha do anno precedente, acrescentando-lhe alguns uma pouca de aguardente de canna da

(\*) Outros são de opinião que sempre; e que simplesmente com a agua e o ar, applicados com intelligencia e em devida conta (o que só a experiência ensina), se pode tornar a folha mais aromatica, mais suave, melhor ardora e com maior homogeneidade na cor.

melhor ; e, para certas encommendas, até vinho branco forte, bau-nilha e outros aromas.

Creem alguns que esta operação, mais que aos lavradores, deve pertencer aos fabricantes de charutos entendidos. O que não admite dúvida é que por meio della se poderá muitas vezes dar-se aroma á folha que quasi o não tenha, podendo-se até acrescentar no *betum* algum ammoniaco, &c.

Deve aqui advertir-se que, ao fazerem-se os charutos, para evitar que elles não se piquem tanto, tambem convirá que a *capa* não seja molhada em agua que não tenha sido antes fervida, podendo mesmo acrescentar-se lhe uma imperceptivel porção de aguardente e de canfora, cujo cheiro logo se evaporaria.

§ 11.—Opinião de Antonil.

Concluiremos transcrevendo, a respeito da cultura da planta, as recomendações que ha ja mais de seculo e meio, quando ainda entre nós se desconhecia a *cura seca*, se fizeram na importante livro *Riqueza e Opulencia do Brazil*, impresso em 1711, e escrito pelo toscano André João Antonil : Dizem assim, no cap. 5.<sup>o</sup> da 2<sup>a</sup> Parte :

« Para semear e plantar a folha é necessário que seja pessoa que « entenda disso, para que se guarde bem o modo, a direitura, a di- « tancia, assim dos regos, como das covas. O cavar as covas per- « tence aos que andam no serviço com enxada : os rapazes botam « os pés da planta, a saber : um em cada uma das covas que ficam « feitas. E o que planta, aperta-lhe a terra ao pé, mais ou menos « conforme a humidade della. Toda a gente se occupa em catar a « lagarta duas vezes no dia, a saber : pela madrugada, e depois de « estar o sol posto : porque de dia está debaixo da terra, e o signal « de estar ahi é o achar-se alguma folha cortada de noite. Chegar- « lhe a terra com a enxada é trabalho dos grandes. *Capar* a planta « já crescida, isto é, tirar-lhe o olho ou grelo na ponta da hastea, é « oficio de negros mestres. *Desolhar*, que vem a ser tirar os outros « olhos que nascem entre cada folha e a hastea, fazem pequenos e « grandes, &c.»

§ 12.—Recapitulação.

Resumindo quanto levamos dito, fica manifesto que, se bem que a industria do tabaco não requer quasi empate de capitaes em machinismos, &c, requer mais do que nenhuma outra a aturada presença e as incessantes caricias do lavrador. Os resultados estarão sempre em razão directa da « sua observação immediata e intelligente, do interesse e eficacia com que tenha seguido a planta no seu crescimento, para attender á sua muda, capaçao e mais operações, segundo o vão exigindo a qualidade da terra, o muito adubo ou a sua escacez, a altura maior ou menor do seu talo, e o vigor ou lougania que queira prestar

ás suas folhas. Os insectos sobre tudo.... devem tel-o sempre em perpetua alerta, e dar-lhe apenas tempo para levantar mão das folhas, no burto espaço de tempo; desde o seu nascimento até o seu corte.» Por isso dizem os vegueiros de Cuba, que os que mais acariciam o tabaco são os que melhor o cultivam. O mesmo se pode dizer a propósito da cura.

Caracas 11 de Abril de 1863.



















